This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

MUNDO
LIVRO
da Trindade - 13
lef. 36 99 51
Lisboa

Vet. Port. III C. 13

MEMORIA HISTORICA.

Engraved by Wm. Holl from a daloytype Portrait, by Henry Collen.

Duquesa de Galvestan

MEMORIA HISTORICA

DA

EXCELLENTISSIMA

DUQUEZA DE PALMELLA

D. EUGENIA FRANCISCA XAVIER TELLES DA GAMA.

POR

J. B. DE ALMEIDA-GARRETT.

LISBOA

NA IMPRENSA NACIONAL.

1848.

TAYLOR INSTITUTION
UNIVERSITY
- 6 FEB 1979
OF OXFORD
LIBRARY

MEMORIA HISTORICA

DA

EXCELLENTISSIMA

DUQUEZA DE PALMELLA

D. EUGENIA FRANCISCA XAVIER TELLES DA GAMA.

Sei que faço um verdadeiro serviço á historia do meu paiz escrevendo éstas breves memorias de uma vida illustre por tantos titulos. Circumscripta, no que era da terra, ao círculo exclusivo das affeições e interêsses domesticos, consagrada em tudo o mais ás duas unicas virtudes em que o Evangelho se resumme — a piedade e a charidade — ésta vida, toda da sua familia e do seu Deus, foi, não obstante, e por singular destino, ligada aos mais distinctos characteres e mais notaveis factos d'este último meio seculo, tam cheio de historia, tam aventuroso e tam extraordinario. É, alêm d'isso, um grande exemplar de moral social e christan que tanto precisam os nossos tempos, abundantes de sublimes theorias, tristemente minguados na práctica d'ellas.

A duqueza de Palmella, D. Eugenia Francisca Xavier Telles da Gama, nasceu em Lisboa aos 4 de Janeiro de 1798. Foram seus paes a marqueza de Niza e de Cascaes, condessa da Vidigueira e de Unhão, D. Eugenia Xavier Telles da Gama, e D. Domingos de Lima, da casa dos marquèzes de Ponte de Lima. (1) Com o sangue de Vasco da Gama e de João das Regras,

o nosso primeiro navegador, e o nosso primeiro publicista, corria portanto em suas veias o mais illustre sangue de Portugal.

Não se verificando, pela morte prematura do promettido espôso, o casamento que desde o berço quasi lhe estava justo com o conde de Assumar, filho do marquez de Alorna, veio a casar aos dôze annos de sua edade com D. Pedro de Sousa Holstein, depois conde e marquez, hoje duque de Palmella. (2)

O destino, que chamava D. Pedro de Sousa a preencher os postos mais eminentes da diplomacia portugueza n'esta epocha tam memoravel, começou então a manifestar-se, sendo escolhido para a difficil e importante missão de Hespanha com o character de enviado extraordinario e ministro plenipotenciario. Partiram poucos dias depois de casados para Cadix, onde a esse tempo se achava estabelecido o govêrno central d'aquelle paiz.

Os primeiros annos da vida no mundo, que costumam ser annos de divertimento e de prazeres, alli os passou pois a joven senhora no infado e nas privações de uma cidade sitiada, no meio dos incommodos e sustos da guerra. E para que nada faltasse aos terrores da situação, veio aggravá-la o flagello da febre amarella, que no anno de 1811 devastou Cadix. Destinava-a Deus a ser consoladora de muitas desgraças; e de tam tenros annos lhe queria dar o spectaculo de todas as miserias humanas. Sua cunhada e íntima amiga, D. Catherina de Sousa (hoje condessa de Linhares) ferida da fatal epidemia, foi por ella velada e tractada tam carinhosamente, que em breve se restabeleceu.

Ahi lhe nasceu tambem o seu primeiro filho D. Alexandre; (3) e no outomno do mesmo anno, tendo seu marido, ja então conde de Palmella, sido transferido da missão de Hespanha para a de Inglaterra, onde o não podia acompanhar pelo adiantado estado da nova gravidez, voltou a condessa a Lisboa.

Foi longa ésta primeira separação. Os negocios publicos complicavam-se; a lucta da Europa com o imperio francez apertava cada vez mais; aproximava-se a catastrophe de 1814. O nosso ministro em Lôndres to-

mou activa e não pequena parte nos negocios que occupavam todos os gabinetes. A restauração dos Bourbons o levou a França, e d'ahi ao congresso de Vienna, cujas negociações somente vieram a terminar em Paris em 1815.

Na primavera do anno seguinte voltou o conde de Palmella a Lisboa, e abraçou pela primeira vez sua filha D. Eugenia, (4) que tres annos antes lhe nascêra. Poucos mezes depois tornaram a separar-se, regressando o conde a Inglaterra, e deixando outra vez sua mulher gravida em Portugal.

No principio de 1817, ja mãe de outra menina, D. Isabel, (5) partiu com seus tres filhos para se reunir ao marido em Londres. Mas n'esta viagem a esperava a primeira desgraça grande da vida. Na vespera de chegar a Inglaterra, sua filha recem-nascida lhe morreu quasi repentinamente: no dia seguinte os abraços do afflicto pae tiveram de apertar o cadaver da filhinha que nunca víra, e que tam anciosamente esperava.

Tres annos residiu a condessa em Inglaterra; e no centro d'aquella mais apurada e, como alli se diz, mais *fastidiosa* sociedade da Europa, grangeou a estima, o respeito e a consideração geral. Fallando perfeitamente a lingua do paiz, a franceza, a hespanhola, e de um talento não vulgar, prendada pela natureza, mais nobre ainda e gentil de maneiras que de sangue, a ingenua elegancia de seu espirito e sentimentos era para ser avaliada alli, como foi.

Elevado ja então o conde de Palmella á cathegoria de embaixador, sua alta posição na côrte fez ainda sobresahir as qualidades e virtudes da espôsa, que por consenso unanime tanto contribuiu para illustrar e honrar o seu nome e lhe conciliar a estima e popularidade geral de que hoje gosa.

Entre outras, merece ser registada uma acção da joven condessa n'aquella côrte, onde ainda se observa todo o rigor da etiqueta e *punctilio*.

Era uma festa do paço: a embaixatriz de Portugal na sua chegada não achára assento destinado para ella no logar que tinha direito de occupar.

Pôsto que tímida em razão da sua edade, e isenta de sentimentos pessoaes de orgulho, que não poderiam conciliar-se com a religiosa modestia que mostrava em todos os actos ordinarios da vida, não hesitou comtudo então em reivindicar, como poderá fazer a pessoa mais costumada a figurar em occasiões públicas, o logar que na qualidade de mulher do representante da coroa de Portugal conhecia competir-lhe; e com uma presença de espirito que causou admiração, e mereceu alli mesmo o applauso da côrte toda de Inglaterra, arrojou uma cadeira de outro sítio da sala, e tomou o logar que lhe pertencia como quem era.

Ésta altivez, que a proposito sabía ter com os grandes, e nos grandes logares e occasiões em que só lhe lembrava quem era, de quem vinha, e os incargos de honra e pundonor que tinha, não era todavia a feição dominante do seu character senão para aquelles que não tinham a fortuna de a observar no centro da sua familia, rodeada de seus intimos amigos, ou melhor ainda, desimpenhando as modestas obrigações de uma religião que sempre foi a primeira occupação e o principal cuidado de toda a sua vida. Então era toda humildade, toda a abnegação do Evangelho, desapparecia a senhora da côrte, a fidalga puritana; e abatida na unica egualdade práctica verdadeira, a do christianismo, os mendigos eram seus irmãos, e o seu sangue não se lembrava de outro ascendente senão do pae commum, de outra illustração senão da recebida no baptismo.

Por ésta epocha foi o nascimento de seus dous filhos, D. Domingos e D. Manoel. (6)

Chegou o anno de 1820, e ja a revolução nas duas peninsulas de Hespanha e de Itália fazia presagiar graves acontecimentos em Portugal, quando o conde de Palmella, que algum tempo antes havia recebido a nomeação de ministro d'estado para o Rio de Janeiro, obedecendo a ésta ordem, imbarcou com toda a familia em Maio do mesmo anno, n'uma fragata ingleza que para alli seguia com escala por Lisboa. Mas apenas aqui chegado, a revolução de 24 d'Agosto mudou toda a face das cousas, e alterou os seus planos. Previu logo o novo ministro que a sua residencia no Brasil não podia ser de longa dura; e deixando sua mulher na Europa, partiu so para o Rio.

É sabido como foram infructuosos, por mal ouvidos ou por mal executados, os liberaes e prudentes votos do conde de Palmella nos conselhos do senhor D. João VI. Triste e desanimado teve de acompanhar, no seu regresso á Europa, este derradeiro rei da antiga monarchia portugueza, que parecia fechar assim o círculo immenso começado a descrever por nossas grandes descobertas e conquistas, voltando a sumir-se, no pequeno ponto d'onde partíra, toda aquella glória que alumiára e dilatára o mundo.

Os sentimentos verdadeiramente patrioticos, as opiniões prudentemente liberaes do conde de Palmella ou não foram conhecidos ou não podiam ser avaliados pelos que dominavam em Portugal á chegada de el-rei. Confundido na desculpavel suspeita que inspiravam os cortezãos do infeliz monarcha, e na malquerença justissima que muitos d'elles mereciam, foi retido a bordo por ordem das côrtes, e d'ahi mandado residir em Borba no Alemtejo.

Tam contente e talvez mais orgulhosa pela immerecida desgraça do espôso do que por suas prosperidades, a condessa de Palmella o acompanhou prêso, e o seguiu deportado, gosando no retiro e tranquillidade do campo aquella felicidade, por que sempre anhelára, de uma vida íntima e socegada de familia, com seus filhos e seu marido, e na práctica suave das sanctas virtudes que mais enchiam seu coração, e que menos exercitava como dever do que por necessidade e satisfacção de sua alma.

Augmentada a sua familia por uma filha (7) (D. Marianna) que pouco antes lhe nascêra em Lisboa, sem mais ambições, sem nenhumas saudades da turbulencia do mundo, n'uma pequena terra de provincia onde todos a adoravam, e onde o seu nome ainda hoje é recordado com lagrymas e bençãos — alli lhe teriam passado os melhores e mais felizes annos de sua vida tam agitada sempre, se a não assaltassem umas febres intermittentes que depois, complicando-se com o nascimento prematuro de outra filha, (D. Maria) (8) aggravaram de character, e começaram talvez a predispo-la para a fatal molestia que a destruiu na fôrça da edade e no meio de uma vida que promettia por tudo o mais ser longa e afortunada.

No entretanto, e sem que os exilados de Borba tomassem a menor parte

nas intrigas e conspirações da epocha, progrediu a reacção que veio a triumphar em Junho de 1823. D. João VI reassummiu o podêr absoluto com a solemne promessa de transigir e fazer concessões liberaes. E o conde de Palmella, creado então marquez, foi chamado ao gabinete como garantia d'essas opiniões que então abraçava muita da nobreza e algumas das pessoas mais influentes da situação.

Não é d'este logar explicar o fio das intrigas que inredaram e contiveram a vontade d'el-rei, dos ministros e pessoas da côrte que seguiam a sua causa, e a das concessões que pedia o tempo. Baste apontar os acontecimentos de 30 de Abril de 1824, e como nelles foi proscripto o marquez de Palmella, conduzido á tôrre de Belem e destinado á mesma sorte de todos os que estavam marcados pelo odio da facção absolutista. (9)

N'este perigo terrivel, dobrou o ânimo, a energía e as fôrças á marqueza de Palmella. Os ministros d'aquelle tenebroso interregno, os embaixadores de França e de Inglaterra a viram correr de porta em porta, a ouviram, não pedir misericordia, mas bradar justiça, e clamar sem medo contra todos e perante todos os que decretavam a proscripção de seu marido ou a podiam annullar. Nem foram inuteis os seus esforços: fez-se respeitar, fez-se temer a voz de uma senhora que não perdia ânimo no meio do terror geral: o marquez de Palmella sahiu em breve da ominosa tôrre, e foi sua mulher que teve a satisfacção de o ir soltar. (10)

Desassombrado do podêr dos facciosos, mas sem alma para os comprimir como podéra e devêra, el-rei voltou tristemente do seu refúgio estrangeiro para seu mais triste palacio: o marquez de Palmella foi novamente enviado para a embaixada de Londres, e partiu com toda a sua familia, accrescida n'este intervallo por mais dous filhos, (11) D. Theresa e D. Rodrigo, para aquella côrte em que pela terceira vez era acreditado, e onde o esperavam os mais difficeis e os mais penosos incargos de sua carreira diplomatica.

Era o anno de 1825. Começavam a cruzar-se em Londres as intrigas de Lisboa, do Rio de Janeiro, de Vienna, onde estava o infante D. Miguel, e de toda a parte. Por este tempo residiam ainda em Inglaterra alguns

emigrados portuguezes, que o não tyranno, mas frouxo govêrno d'el-rei conservava todavia no exilio. Não ha muito por que louvar os agentes do ministerio de Lisboa a respeito d'esses foragidos liberaes que, assim pelo número como por sua honrada pobreza e exemplar procedimento, pouca sombra podiam fazer ao meticuloso ciume das authoridades absolutistas. N'essa ignobil falta de generosidade não incorreu a embaixada de Londres.

Naturalmente bom e indulgente o ânimo do embaixador foi comtudo realçado pelas zelosas diligencias e solicita efficacia de sua mulher; Gloriam-se de assim o testimunhar os emigrados que por qualquer modo tiveram a fortuna de se aproximar d'ella.

Perdoe-me quem ler éstas linhas, que escrevo na sincera effusão de minha alma, se aqui introduzo um parenthesis necessario a mim que as escrevo, porque tambem tive a honra precoce de ser ja, creança então, emigrado n'essa epocha. So tres annos depois, e na segunda emigração, tive a fortuna de conhecer e apreciar a illustre senhora de cujas virtudes e qualidades vi tantas prôvas, devi-lhe a ella, devo a seu marido com cuja amizade me honro muitissimo, não pouca benevolencia e distincções, mas nem recebi nunca obsequios politicos, nem outros que possam fazer suspeitar de lisongeiras as expressões que me dicta a consciencia, e que nascem da mais desinteressada admiração.

De certos actos diz a lei divina que até a esquerda deve ignorar quando os práctica a mão direita. Mas não se lhe oppõe a lei humana da honra, que os manda apregoar por aquelle que os recebeu. Da propria bôcca de um distincto emigrado que então se achava em Londres, ouvi o que muito me apraz de referir aqui, não menos em louvor de um que de outro.

O Sr. José da Silva Carvalho, reduzido por sua honesta pobreza a viver escassamente em Londres, cahíra em grave infermidade de corpo e de espirito no seu desamparo. Soube-o a duqueza de Palmella, e escondendo a mão generosa, lhe fez ministrar todos os soccorros ao seu alcance, chegando a mandar de sua propria meza os caldos para o doente, e sem se lembrar, ou talvez porque se lembrava, que o infêrmo era o mesmo que

annos antes governava em Portugal quando seu marido fôra exilado e proscripto.

Mas o que ella occultava pôde sabê-lo o doente, e nunca cessou de o referir por glória sua e da marqueza; e desde então foi sempre um dos seus mais sinceros amigos e devotos admiradores.

Chegou em 1826 a concessão da carta; redobravam as difficuldades politicas de Portugal com a abdicação do senhor D. Pedro e suas condicções. A serie de acontecimentos que trouxeram as calamidades de 1828 seguia o seu curso. Proclamada em Portugal a reacção contra o soberano e contra a lei jurada por todos, o marquez de Palmella não duvidou declarar-se, e protestar abertamente contra o que, por honra e por principios, tinha obrigação de reconhecer como usurpação e perjurio. Era mais que arriscado o passo que dava; era certo que, por largo tempo ao menos, sacrificava ao dever todas as vantagens de fortuna e de situação. Talvez o gava a sua cabeça e a herança de seus filhos. Fôra desculpavel ter hesitado, na presença de uma mulher querida e delicada, de uma familia numerosa, costumadas aos confortos da vida, affeitas á posição elevada em que tinham nascido. Não o fez, nem lh'o consentiriam os rogos e instigações da marqueza, que n'essa occasião solemne o animou denodadamente, protestando que antes queria mendigar com seus filhos do que soffrer a menor quebra de honra em seu nome.

Ainda estava de cama sôbre o parto de sua última filha, D. Anna, (12) quando partiu a infeliz expedição do Porto. Começavam a accorrer a Inglaterra os emigrados, voltaram com milhares d'elles os do Porto; e para todos os que chegavam á nossa embaixada a marqueza de Palmella tinha uma palavra consoladora, para muitos, soccorros efficazes e generosos, privando-se de commodidades suas, importunando seu marido, e fazendo aquelles prodigios que so pode operar a charidade verdadeira da fe, que é multiplicar infinitamente o pouco para acudir a muitos.

No entretanto a esperança reverdecía no ânimo dos exilados com a chegada da rainha á Europa. Não obstante a má vontade do duque de Wellington e do seu ministerio, o marquez de Palmella contribuíra para

fazer mudar o destino da viagem de S. M.; e que, em vez da côrte de Vienna, fôsse em Inglaterra que se fixasse a sua residencia provisoria.

Não esqueceu, não esquecerá jamais a nenhum portuguez que a presenceasse, a scena que na manhan do dia 7 de Outubro de 1828 viram os salões do hotel *Grillion* em Londres. Foi alli que uma creança de dez annos, proscripta de seu reino e de seu throno, esbulhada por sua avó e por seu tio da herança que lhe adjudicára seu pae, e lhe confirmava seu povo, abandonada dos soberanos seus parentes e seus alliados, forte porêm da sua innocencia e de seu direito, firmado em principios, robustecido pelos direitos de todos que affiançava; representante, no meio da Europa estacionaria e retrograda, representante ella creança, mulher, fraca e sem mais recursos do que Deus, a fidelidade e o enthusiasmo dos seus — da sancta causa da liberdade, do progresso, e da civilisação das nações — alli essa creança coroada recebeu a primeira homenagem dos seus subditos, sem patria, como ella, pobres e proscriptos, mas ricos de constancia, fortes de consciencia, e certos de reconquistar, para quem lhe assegurava a liberdade e lhe promettia o regimen da lei, um throno que ja não podia occupar o despotismo.

N'aquella cerimonia, a mais augusta e solemne que nunca celebrou rei algum de Portugal, não appareciam galas nem grandezas. Toda a pompa do cortejo a faziam os sentimentos d'alma, a commoção dos semblantes, e as lagrymas que custavam a reter. Tenho presente, como se fôsse n'esta hora, a figura, o gesto, a expressão intraduzivel de alegria e de tristeza com que a marqueza de Palmella assistiu, no logar que lhe competia proxima á rainha, a ésta grande cerimonia. Nos olhos que ao mesmo tempo riam e choravam brilhava toda a antiga lealdade portugueza, o respeito de vassalla á soberana augmentado pela devoção á desgraça, temperado por um como orgulhoso carinho de mãe por filha.

Estes sentimentos que dominavam todos os outros, e que sublimavam até á poesia a dedicação da velha fidelidade portugueza, nunca me pareceu vê-los expressados assim como n'aquella occasião.

O' tempo que S. M. demorou em Inglaterra foi a marqueza de

Palmella sua constante guia e companheira, velando com um interêsse e com uma anciedade verdadeiramente maternal na augusta raínha, cuja tutella lhe havia sido, por assim dizer, deparada pela Providencia, e a cujo serviço e educação ella de bom grado e inteiramente se consagrava. (13)

Entre as recordações da emigração — que tantas são de saudade — que tantas vezes se têm feito ainda mais doces pelas subsequentes amarguras e desapontamentos da sorte — conservo na memoria a de uma manhan na nossa embaixada de South Audley street. Junto á marqueza de Palmella, cercada de suas filhas e sobrinhas, a joven rainha de Portugal bordava a bandeira que em seu nome ia ser mandada ao leal batalhão 5 de caçadores....

Escusado é dizer de quem foi a fina lembrança, e sabido é o enthusiasmo que excitou: Serão pequenezes éstas para os que pretendem de fortes pensadores; mas grandes coisas do mundo se têm obrado por similhantes pequenezes.

Essas poesias porêm (chamemos-lhe assim) da emigração estavam a acabar, e a realidade material do abandono, das miserias e desesperanças do exilio vinha tremenda sôbre nós. Ja a expedição do general Saldanha tinha sido metralhada nas aguas da Terceira pelos navios de guerra britannicos; ja o conde de Villa-flor, mais feliz, tinha conseguido illudir o bloqueio inglez e penetrar n'aquella ilha, onde governava como general; a raínha era mandada voltar por seu pae para o Rio de Janeiro; a regencia por elle nomeada tinha de ir installar-se n'aquella ilha.

No princípio de 1830 partiu com effeito o marquez de Palmella com os outros membros da regencia a bordo de uma pequena escuna cujo nome comico — *Jack of the Lantern* — ficou memoravel entre nós, e terá de passar á historia. Foi este para sua mulher um dos mais terriveis lances da vida e em que mais próva deu da fortaleza da sua alma. A ilha estava bloqueada pelas fôrças navaes da usurpação, seu marido condemnado a uma morte affrontosa em Portugal: o perigo era tremendo e para assustar os mais destemidos.

A estes sacrificios, perigos e trabalhos veio juntar se o de faltarem a todos os meios. A marqueza, obrigada como todos á mais severa economia, teve de desfazer o seu estabelecimento em Londres e de retirar-se para França.

Fixou a sua residencia em uma pequena casa de campo em Passy junto a París.

Tam limitados agora os seus recursos, não se limitava porêm a sua charidade. Parentes, amigos, pessoas inteiramente estranhas eram soccorridos, consolados por sua inexhaurivel charidade.

A sua casa de Passy converteu-se em um collegio, um pensionato onde recolhia muitos filhos d'esses mesmos parentes; ahi os educava com os seus, e com egual desvelo e carinho.

N'este amargoso periodo da sua vida todas as penas, todos os padecimentos humanos tinham de se lhe juntar. A commum causa da patria pouco esperançosa, o marido longe e em perigo, seus numerosos filhos privados de muitos dos confortos a que estavam costumados, não pareceram ainda á Providencia angústias bastantes para a provar. Veio a doença e a morte de sua cunhada tam querida, e que lhe fôra como segunda mãe, a condessa d'Alva; (14) a perda de dois filhos, D. Pedro (15) e D. Maria; e para remate de tudo a infermidade grave e assustadora de seu mais amado e estimavel filho, o primogenito de sua casa.

O conde de Calhariz, D. Alexandre, contava então apenas 19 annos de edade; era para fazer o orgulho de qualquer mãe. De figura e physionomia insinuante e intelligentissima, cheio de talento, tam applicado e proficiente ja nos mais altos estudos, que obtivéra os primeiros premios na universidade de Londres, (16) e acompanhando tudo isto de uma modestia, de uma candura, e de uma severidade de principios admiravel em todos os tempos; ninguem o conheceu e tractou que o não estimasse; e o que mais raro é, lhe não tivesse um respeito não facil de grangear em tal edade. Em tudo, menos em seu ingenuo aspecto, parecia um homem feito em quem a esperiencia ja tivesse amadureçido o estudo e os principios.

Cresceram rapidamente os symptomas da doença, que era uma fatal affecção pulmonar; e com os rigores do hynverno se declarou assustadora. A arte ja não sabía que fazer, quando seu pae, voltando á Europa por occasião da chegada do imperador, veio incontrar n'esse lamentavel estado a melhor espérança da sua casa, o herdeiro do seu nome que tanto lhe promettia. E assim teve de o deixar em breve para partir logo na expedição de Belle-isle, roubando-se aos cuidados proprios e de seu coração para se intregar aos da patria e da soberana a quem tudo sacrificava.

Ficou á afflicta mãe a triste incumbencia de acompanhar o filho quasi moribundo á ilha de S. Miguel para onde os medicos o mandavam tentar a mudança de ar, e mais benigna primavera.

Foram em um pequeno e desaccommodado navio; e quando aportava em S. Miguel o imperador, a sua expedição, e com ella o marquez de Palmella, ahi encontraram recentemente chegados de França a desconsolada mãe com seu filho. Ahi, quando medravam as esperanças públicas, minguavam de hora para hora as dos afflictos paes. Situação dolorosa como se têm visto poucas! Para todos surría o futuro, menos para elles.

Áquella última revista que o imperador passou á brilhante divisão expedicionaria — ainda assistiu n'uma sege, quasi nos braços da mãe, mas com o seu uniforme de soldado de artilheria — o moribundo conde de Calhariz. Vida, ja a não tinha senão nos olhos; mas n'esses luzia ainda todo o fogo do patriotismo, todo o ardente desejo, que o não deixou senão no último suspiro, de ir baptisar a sua joven espada nas guerras da liberdade sancta que amava como joven sincero de crenças e de fé — de ir ganhar, como seus passados, as esporas de cavalleiro n'uma campanha de lealdade pelo seu principe, de começar em fim a sua vida no mundo, ajudando com seu braço em uma lucta a que se votára seu pae, seu pae que elle tanto adorava.

Dos que fizemos parte d'essa revista ou assistiram a ella como espectadores ninguem tirou os olhos d'aquelle mancebo que agonisava em tam nobre mas tam falsa confiança, d'aquella pobre mãe que tam afflicta se repartia entre suas dores e suas esperanças.

Foi a ultima vez que elle sahiu; horas depois tinha desapparecido da terra a purissima luz d'aquella alma, deixando os tristes paes, a inconsolavel mãe sobretudo, nas sombras de uma tristeza que nunca mais se dissipou.

Tenho visto penas n'este mundo, graças a Deos; tenho padecido eu mesmo — sei o que é soffrer; mas digo sem receio de exaggerar que nunca vi dor como aquella dor.

Nem me esquecerá jamais tampouco a resignação forte e contida do pae n'essa hora terrivel. Parte da noute o acompanharam unicamente seu intimo amigo — que tambem ja lá vae, e de bem afflicta e desconsolada morte! — Luiz da Silva Mousinho d'Albuquerque — e eu. Muitos têem admirado o marquez de Palmella em outros momentos da sua vida — muitos mais o terão lisongeado em diversas circumstancias. Eu lembra-me muito bem que nada disse então, mas que o admirei devéras, e lhe fiquei consagrando uma affeição que nunca foi demonstrativa porque eu o não sou, mas que n'este logar me é impossivel não manifestar.

Partiu a expedição para Portugal, e a marqueza para França a reunir-se a seus outros filhos, e a esperar em novas anciedades pelos resultados de uma tentativa tam nobre como arriscada — tam heroica por certo aos olhos do enthusiasmo como parecia louca aos da razão.

Mas a razão é o espirito humano regularmente discorrendo dentro de seus estreitos limites — o enthusiasmo a aspiração, irregular embora mas sublime, d'essa outra particula divina que ha no homem, d'isso que n'elle sente, não discorre — que não raciocina, adivinha. A alma tem instinctos como os tem o corpo: e o instincto sente, não pensa.

Sentiram, não pensaram, os que nas praias do Mindello, com 7:500 homens mal armados e mal fornidos, vieram desafiar um exército de 80:000. Todas as coisas do mundo estavam com estes. Com os foragidos era Deus e o seu enthusiasmo. No fim de um anno de lucta, a capital e a maior parte do reino era d'elles.

Duas vezes n'este intervallo foi o marquez de Palmella a Londres e a

París para acudir, com seu valimento e influencia n'aquellas côrtes, aos apertos e difficuldades dos cercados; mas sua mulher apenas teve a consolação de o abraçar na segunda viagem.

N'essa epocha intrigas e desintelligencias, que seriam longas de referir, difficeis de explicar, e sobretudo improprias certamente d'aqui — lhe tinham preparado a costumada retribuição de injustiças e injúrias com que tantas vezes são pagos os maiores serviços. O marquez de Palmella conseguiu (17) preparar a expedição do Algarve, fazer partir para o Porto o seu particular amigo o almirante Napier; e com este soccorro poderoso appareceu de novo triumphante no Doiro o que seus contrarios, por não dizer invejosos, contavam ver humilhado e quasi proscripto.

Novos sustos, novos sacrificios, porêm nova satisfação tambem para sua mulher, que assistia como tam interessada a todas éstas peripecias do grande drama da restauração.

Principal auctor do arriscado projecto, confiou-se-lhe ao marquez a direcção politica d'elle. O resultado foi maravilhoso. A pequena esquadra de Napier e a pequenissima divisão do duque da Terceira libertaram em breves dias a capital. A rainha viu emfim o seu reino, sentou-se no seu throno; e d'ahi em diante uma serie de victorias, a qual mais decisiva, concluiu rapidamente a miraculosa obra da reconquista da liberdade em Portugal.

O marquez de Palmella foi creado duque do mesmo titulo; seu filho, mais velho agora, D. Domingos, marquez do Fayal, em memoria da tomada d'aquella ilha, primicia de nossas conquistas liberaes, que a instancias e por direcção de seu pae se fizera.

Immediatamente regressou a Lisboa a duqueza de Palmella impaciente de ver seu marido e de abraçar em fim sua mãe, de quem ha tantos annos estava separada. Foi por ésta occasião nomeada dama de honor de S. M. a rainha. (18)

Até ao verão do anno seguinte viveu a duqueza tranquillamente em

Lisboa, interressada, bem como seu marido, no andamento dos negocios publicos, mas abstendo-se elle de toda a acção politica, e do govêrno que ciosamente era guardado por pessoas, não direi de oppostos principios, mas de ideas mui diversas quanto ao modo de estabelecer, de tornar práctico, de fazer amado e popular um systema que todos queriam, assim o soubes sem querer todos!

N'este estado de cousas se manifestou e cresceu rapidamente a doença do imperador, que para logo deixou pouca esperança de melhora, e em menos de tres mezes o arrebatou na flor da edade, e no princípio da melhor e mais gloriosa parte de sua vida.

Apenas tomou as redeas do govêrno a rainha chamou para presidente do conselho o duque de Palmella.

As oscillações do govêrno, as de uma opinião que em taes crises não póde deixar nunca de ser desvairada, a miudo injusta, tantas vezes ingrata, fluctuavam continuamente; e a duqueza soffria os martyrios de uma verdadeira paixão quando essas injustiças ou ingratidões a vinham ferir em seu marido.

Poucos mezes depois da morte do imperador a rainha ficou segunda vez orphan pelo fallecimento do principe Augusto, que, em tam breves dias de desposado, lhe faltou subitamente.

O ridiculo tumulto das Chagas, que por ésta occasião teve logar, e tomou nome d'aquelle sítio onde então morava o duque, foi uma demonstração tam absurda como virulenta do odio de seus inimigos, que vivamente feriu o coração da duqueza, mas em que ella deu novas próvas da sua fôrça de ânimo.

N'aquella epocha de dúvidas, os partidos, as opiniões não extremavam ainda bem os seus amigos e inimigos. Mettiam-se em meio as rivalidades e malquerenças pessoaes que desatinam o povo.

Quem tanto tinha soffrido, de tanto servido, e nem por si nem pela

patria colhêra fructo de tantos lavores, deitava a culpa para alguem. Esse alguem era o que as facções apontavam; e as facções nunca apontam justo.

Ésta desculpa é legitimamente devida á maior parte dos erros e injustiças populares, senão que a todas. Mas póde esperar-se que a dê um coração de mulher ferido? Invoco o testemunho dos que n'esta occasião, assim como em tantas outras, ouviram a duqueza em suas mais desaffogadas expansões e desabafos: nunca lhe ouvi uma d'essas palavras que tanto mais baixas são quanto vém de mais alto; nunca foi vista declamar contra a *canalha*, como é vulgar em taes occorrencias. Resentiu-se como mulher, como senhora e como espôsa dos aggravos que lhe faziam — mas não accusava senão os instigadores de má fe; e toda a indulgencia christan ficava em sua alma para desculpar os que só erravam.

Nem podia ser de outro modo n'um coração que sempre ardeu de charidade, que fazia o bem por instincto, por necessidade, cujo maior prazer era dar, dar — soccorrer os necessitados, consolar os afflictos. Ésta qualidade predominante do seu character veio a estabelecer entre ella e as classes mais humildes da sociedade uma especie de tracto íntimo, de reciproca sympathia que não permittiam resentimento de parte a parte, e que fizeram com que por fim os mais ciosos theoristas da democracia respeitassem e adorassem n'ella a escrupulosa practica de principios que elles sim proclamavam, mas que ella executava na alegria e satisfacção da sua alma.

Este sincero e puro liberalismo da duqueza, assim como á proporção que foi sendo conhecido a fez por extremo popular, respeitada e querida do partido liberal, assim lhe creou tambem depois os ciumes e malquerenças de outras parcialidades.

Por então, como ja observei, as opiniões andavam ainda confusas e mal seguras. Na revolução de 1836 o duque de Palmella teve de emigrar outra vez e separar-se de sua mulher, que novamente ficava velando á cabeceira de outro moribundo, seu terceiro filho.

Nem teve de velar muito tempo. Em tudo parecido com seu irmão

mais velho, muito na figura, muitissimo no precoce talento e capacidade, D. Manoel de Sousa promettia tanto como elle, e faltou do mesmo modo.

As crueis dores d'esta perda fizeram apparecer os primeiros symptomas da infermidade que mais tarde se desinvolveu funestamente na duqueza. A triste mãe partiu para França a levar a seu marido o último adeus de um filho tam chorado.

Estava a este tempo contractado entre os duques de Palmella e a condessa da Povoa o casamento do marquez do Fayal com a filha d'esta, que apenas contava 10 annos, e cuja tutella a duqueza assumiu a instantes rogos da mãe.

Celebrára-se o casamento em 1836 na capella do palacio do Rato em presença das respectivas familias, e a duqueza partiu para París com a sua nora. Alli casou egualmente pouco depois sua segunda filha D. Marianna com Luiz Brandão de Mello Cogominho, e nasceu o seu decimo-terceiro filho D. Francisco. (19)

No entretanto se tinham dissipado as desconfianças politicas, e o duque de Palmella foi rogado pelo govêrno para ir assistir, como embaixador extraordinario, á coroação da rainha Victoria de Inglaterra. Acceitou o duque, e acompanhado de sua mulher foi desimpenhar a honrosa missão com que o thesouro portuguez nada despendeu.

De volta a París começaram as desintelligencias sôbre o casamento do marquez de Fayal. Tinha fallecido o filho varão do conde da Povoa, e em sua irman se accumulava toda a successão e herança d'aquella forte casa.

Fossem porêm mais ou menos desinteressados os motivos que excitaram alguns membros d'aquella familia a querer rescindir o contracto e pretender annullar o casamento, subtrahindo a joven herdeira da tutella da duqueza, e tirando-a de seu podêr, é certo que só o teriam conseguido violentando as sympathias da innocente, cujo affecto para sua mãe adoptiva era como de filha verdadeira.

Segura de sua consciencia a duqueza supportou os muitos desgostos que lhe trouxe ésta desavença; mas padeceu infinitamente com elles: nem, depois de ver ratificado o casamento de seu filho, e tranquillo este com sua mulher, pôde verdadeiramente descançar, em quanto a concordia se não restabeleceu entre as duas familias pelas importantes concessões com que o marquez do Fayal a conseguiu largamente.

Serenada ésta tempestade, outra muito maior para a sua alma não tardou em levantar-se. Sua mãe a marqueza de Niza, D. Eugenia, que ella por tantos titulos adorava, adoeceu gravemente. A duqueza, ja muito minada da fatal molestia que lhe ameaçava a vida, e adiantada em nova gravidez, não quiz todavia abandonar sua mãe infêrma. Velou dia e noite ao pé d'ella, matando-se evidentemente com aquelles cuidados e penas de corpo e alma — até que lhe fechou os olhos. Nasceu prematuramente (20) o filho (D. Thomás) que trazia em suas angustiadas intranhas, e a saude da mãe não fez senão declinar d'ahi em deante.

Reanimou-se um tanto com a satisfacção que teve nos casamentos de suas filhas D. Eugenia com o marquez das Minas, e D. Theresa com o conde das Alcaçovas. Mas junto a éstas consolações veio logo a afflicta morte de outro filho, D. Rodrigo, creança por extremo sympathica e intelligente, que aos 15 annos em que falleceu annunciava ja qualidades e talentos não vulgares.

O anno seguinte, de 1841, veio com mais faustos auspicios. O marquez do Fayal lhe apresentou uma neta, (21) primeiro fructo de seu consorcio; e pouco depois a duqueza deu felizmente á luz seu decimo-quinto e último filho, D. Filippe. (22)

Experimentada agora em todas as alternativas da sorte, ou por fallar a linguagem que ella melhor intendia porque melhor criá, tam provada por Deus em todos os grandes extremos de felicidade e de desgraça, a duqueza cada vez contrahiu mais a sua vida ao círculo doméstico e á práctica das virtudes christans com que de tudo o mais se isolava.

Os grandes cabedaes com que se tinha engrossado a sua casa e de

seus filhos, não os considerava senão como meios que a Providencia lhe prestava para exercer mais largamente sua inexhaurivel charidade. A avultada pensão que todos os mezes recebia para seu bolsinho, não lhe parava dias nas mãos. Importunava seu marido, seus filhos com novos pedidos, que todos levavam o mesmo destino; e até das mesadas dos filhos menores, dos netos conseguia persuadi-los a que cedessem uma parte para ter esse pouco que dar, para sempre dar. E assim duplicava suas boas acções, porque habituava de tenros annos os innocentes a privarem-se de algum superfluo para acudir á necessidade.

Se as grandes riquezas do mundo se houvessem de distribuir a quem melhor uso d'ellas fizesse, para se equilibrarem assim pelos divinos preceitos do Evangelho as desegualdades aliàs inevitaveis da sorte — a ninguem com mais justiça se houvéra adjudicado a grande fortuna de que dispoz nos ultimos annos da sua vida a duqueza de Palmella.

Diminuiam sensivelmente a saude e forças do seu corpo, mas conservava-a a paz de espirito em que vivia, quando, ao principiar o anno de 1842, lh'a vieram quebrar os novos alvorotos politicos do reino.

Começava Portugal a descançar das revoluções, e a entrar em algum princípio de acêrto o complicado mechanismo do regimen constitucional, quando appareceu a revolta militar do Porto em 27 de Janeiro, que, se não teve mais peccaminosos motivos, foi, pelo menos, desnecessaria desordem. A restauração da carta na sua lettra e no seu nome — porque no mais não havia quasi que restaurar — era o pretexto, ou seria o objecto (segundo a parcialidade dos que o julgarem) d'aquelle movimento politico.

Sem offensa de nenhum portuguez se póde dizer que o duque de Palmella tinha sido sempre o mais strenuo propugnador da carta; ninguem utilisava mais em preponderancia de situação politica com a sua restauração, ninguem portanto menos suspeito em declarar-se contra aquella insurreição militar.

Por ésta opinião, que então sustentaram e lavraram e assignaram em publicos e espontaneos documentos as principaes pessoas do reino e da

côrte — e porque seu espirito conciliador e sua incontestavel independencia o faziam acceito a ambos os partidos — o duque foi chamado á presidencia do ministerio que emfim, e depois de longas dilações, se organisou para sustentar a ordem existente.

De estudo evito renovar aqui memorias desagradaveis, e aggravar injúrias reaes ou suppostas que então feriram os animos tam profundamente que a chaga ainda não sarou: aponto somente os factos capitaes da historia commum pelo que elles se ligam com a historia de familia que reconto.

Fossem as causas quaes fossem, o movimento progrediu, e com elle as afflicções da duqueza que via seu marido involvido n'um insoluvel complexo de difficuldades, trahido por uns, mal servido de outros, e collocado em posição de que ja começava a ser difficil sahir com honra.

Foi d'accordo com elle que se adoptou o decreto de 10 de Fevereiro: pensamento altamente conciliador e politico n'aquella circumstancia; mas tam vagamente redigido, que pôde ser para logo sophismado.

Retirado da politica activa, e quasi neutral entre os partidos que agora contendiam com mais acrimonia do que nunca, passou o duque até á tentativa de revolução de Torres Novas de 1844, que desapprovou altamente, intendendo dever fazê-lo pelos mesmos motivos por que antes reprovára a do Porto. Haja ou não êrro na comparação, é certo que a fez, e subsequentemente se viu que da melhor fé.

Por este tempo os affligiu cruelmente a perda de sua segunda filha D. Marianna, que falleceu sôbre parto. Com ésta nova dor d'alma se aggravaram os padecimentos da duqueza, cuja saude declinava cada vez mais.

Na esperança de lhe atalhar, pelo menos, o progresso, de a distrahir e reanimar, imprehenderam então uma viagem de ha muito meditada. Toda a familia passou a França e d'ahi a Italia, que a duqueza tanto quizera sempre e nunca pudera visitar antes.

Percorreram todas as cidades, todos os pontos mais interessantes d'aquelle paiz de maravilhas. Desde a sua propriedade e antiga casa de seus maiores no Piemonte a Milão, a Veneza, a Florença, a Napoles, emfim a Roma, viram e observaram tudo o que a história, as artes e a religião mais têm sanctificado na terra.

Roma sobretudo, visitar Roma, a capital da christandade, assistir ás grandes solemnidades da egreja celebradas pelo seu chefe visivel na terra, devia ser para uma senhora tam piedosa de inapreciavel consolação. Quanto mais sentia decahirem-lhe as forças do corpo, mais se lhe elevava o espirito ás contemplações da religião e ás esperanças da eternidade. Foi como uma devota romaría a sua viagem.

No fim do anno de 1845 regressaram a Lisboa para celebrarem o casamento de sua filha D. Catherina, ha muito contractado com o conde das Galveias D. Francisco.

Não podia vir com as mãos vasías quem voltava de tam sancta romagem. Sempre piedosa, e sollícita em seu ânimo de bem fazer, a duqueza trazia arranjado de França o estabelecer aqui o verdadeiro instituto de S. Vicente de Paula, fundando e dotando uma congregação de irmans da charidade.

Não quero, deliberadamente não quero, referir os estorvos acintosos que encontrou, as meticulosas e ridiculas tergiversações com que por fim lhe conseguiram annullar seu piedoso voto e sanctas intenções. Mas foi assim, e grande a mágoa que com isso teve; nunca se consolou de tam inesperado desapontamento.

Eram principios do anno de 1846. Abertas as côrtes, o duque se declarou francamente em opposição ao ministerio que, em sua opinião, levava a extremos perigosos, de fataes e promptas consequencias, por um lado a repressão e resistencia a todas as idéas liberaes, por outro a descompassada latitude dada a operações de credito, e a relaxação e abusos de todo o genero tolerados a quantos tinham parte n'estes negocios ou nos eleitoraes — unicos de que o govêrno fazia cabedal.

Resumo n'estas poucas linhas os memoraveis discursos que então fez. Não os julgo, e repito que não quero encetar aqui discussão alguma politica, e nem siquer historiar, quanto mais avaliar o proceder de ninguem n'estas nossas últimas e deploraveis luctas, em que o nome portuguez, a propria existencia da nação tem sido jogados. Indifferente quem póde sel-o em taes contendas? Mas o dia da historia não chegou ainda. Nenhum partido, nenhuma facção tem os olhos feitos ja para solettrar os severos characteres com que um buril imparcial deve ir gravando em silencio os espantosos factos d'esta epocha tremenda e unica.

Póde estar escripto o livro — mas deve estar, e está, fechado a sette sêllos. Por ora, e para aqui muito menos, nem uma linha d'elle. Se menciono um facto politico, é como o algarismo de uma data: digo que em tal ministerio foi isto, que em tal revolução succedeu aquell'outro, como se dissesse na olympiada quarta ou quinta, no consulado de Manlio ou de Sempronio.

Tal era pois a situação politica do duque de Palmella, e taes as suas previsões na camara, que não tardaram a verificar-se.

A revolução popular do Minho, contida em vão pelas auctoridades, por leis excepcionaes, combatida pelo exército, por todas as coerções moraes physicas ordinarias e extraordinarias que é uso empregar entre nós em similhantes casos — cresceu, exacerbou-se, e lavrou por todo o reino. O ministerio demittiu-se, e o duque de Palmella foi chamado a organisar uma nova administração.

Eram fins de Maio; toda a familia se achava na sua quinta de Calhariz, gosando os ultimos dias da primavera, que alli é deliciosa, quando a inesperada nova veio assustar e affligir a duqueza, que n'aquelle socêgo, rodeada de seus filhos e de alguns amigos intimos, procurava inganar os presentimentos do mal que interiormente a consumia.

Nunca cedeu com mais violencia á voz imperiosa do dever. O duque de Palmella era o nome que estava em todas as bôcas. Com mais ou menos sinceridade de uns ou de outros, ninguem havia que o não chamasse,

que não declarasse ser elle o unico homem a quem podia incumbir-se o perigoso e difficil incargo de moderar e dirigir uma revolução, que pelos menos suspeitos era reconhecida não poder ja combater-se.

A duqueza cedeu, fez calar os seus terrores, e impoz á sua alma este novo sacrificio, que bem antevia lhe tinha de custar mais que nenhum.

Creada e nutrida em todas as tradições, e digâmos ainda, em todos os preconceitos da sua raça, sinceramente convencida de que a origem gloriosa da sua familia, se lhe impunha maiores obrigações na sociedade, tambem lhe dava superiores direitos a um respeito e consideração, que o ciume popular nem sempre nega, nem sempre concede — é ciume, e como tal justo e injusto ao mesmo tempo — a duqueza, como verdadeira fidalga, incommodava-se mais com que subissem até ella algumas mediocridades ambiciosas, do que lhe custava descer ella ao nivel de todos. Não ha superioridade verdadeira, aristocracía de nascimento ou de merecimento que assim não sinta. E para quem sente assim, não são as idéas de progresso que repugnam; não é a liberdade, não é a egualdade que são odiosas: o que os offende é o falso liberalismo dos demagogos, d'esses Titans da mythologia moderna, que põem o *Pelion* sobre o *Ossa* dos ciumes e das iras populares para subirem elles, e elles sós, a um *Olympo*, que tam somente odeiam em quanto lá não chegam.

Mas, alêm d'esse tam natural, e se precisa desculpa, tam desculpavel sentimento — a duqueza era sinceramente christan; e como tal, os principios de liberdade, um govêrno para bem de todos e no interesse de todos lhe parecia o melhor govêrno. Fiel á monarchia, addida ás tradições da sua classe, não comprehendia, comtudo, que as classes pobres houvessem, precisassem de ser condemnadas ao abandono por isso; accreditava que o evangelho podia ser realisado, que as leis do Crucificado podiam e deviam ser as leis do mundo.

Póde dizer-se que a duqueza de Palmella acreditou que a revolução do Minho era uma genuina effusão dos sentimentos do povo portuguez. Liberal na mais nobre accepção da palavra supportou com paciencia os infinitos desgostos que lhe trouxe o angustiado ministerio de seu marido nos qua-

tro mezes que durou; depois na reacção de 6 de Outubro; e por fim na longa serie de incommodos e de afflicções que d'essa epocha em deante teve de soffrer até ao fim da vida.

Mandado sahir peremptoriamente de Portugal, deixou o duque a sua mulher já em muito mau estado de saude; mas estava longe de saber quam rapidos eram os progressos que o seu mal fazia. Quando por informação confidencial dos facultativos o veio a conhecer, ja o rôgo para que se fôsse reunir a elle estava feito; ja ella impaciente se tinha posto a caminho, apesar da estação que adiantava, e de seus padecimentos, que aggravavam de dia para dia.

Tinha-lhe custado tanto esta última separação pelas circumstancias e injustiças que a motivaram; passára-se em tantos cuidados e desgostos aquelle tempo, no meio da guerra civil, com o espectaculo das miserias e desgraças, que a acompanham, diante dos olhos — vendo a morte e o sangue por toda a parte, a fome nas ruas da capital — batendo-lhe á porta sempre como á porta mais bem parada de Lisboa — tudo se juntava ás saudades do marido para desejar partir, custasse o que custasse.

Não se foi comtudo sem deixar, como sempre, os meios de acudir aos seus pobres, sem derramar muita esmola, muita charidade, muita consolação pelos necessitados de todas as classes e graduações que a ficavam chorando.

Os infelizes prisioneiros de Torres Vedras que inopinadamente, e sem nenhuns meios tantos d'elles, eram mandados para o degredo de Angola, foram largamente providos de todo o auxilio que era possivel dar-lhes.

Nenhum espirito de partido a animou: eram infelizes e perseguidos; tanto bastava. Se alguem fôsse tam barbaro — realmente o não creio — que lhe fizesse um crime da sua charidade, dar-lhe-ía, verdade seja, um motivo de mais para o ânimo independente e mal soffrido da duqueza.

Depois do combate de Setubal mandou repartir a roupa branca da sua quinta de Calhariz pelos feridos de um e outro lado.

Os alimentos que de contínuo distribuia em sua casa; as quantias maiores e menores com que acudiu secretamente a individuos e familiâs, não tém número.

Em Julho partiu para Inglaterra e d'ahi passou a França. Cada vez se sentia peior e diminuiam as esperanças dos seus. Todo este tempo até principios do hynverno se passou em consultações dos primeiros facultativos da Europa. Mas a arte não sabia que dizer ja, e murmurava as suas últimas desanimadas palavras de melhoría de clima, de hynverno passado na ilha da Madeira.

Ja a intervenção das potencias tinha comprimido a guerra civil, e foi livre ao duque voltar com sua mulher a Lisboa para d'aqui seguirem á Madeira. Sahiram com effeito de Inglaterra n'um vapôr de guerra britannico, que fazia escala pelos dois pontos em sua direcção ao Mexico. Demoraram-se poucos dias em Lisboa, e foram tentar esse derradeiro recurso dos que ja não tém outro.

Sahiu feliz a viagem, e os primeiros effeitos do benefico ar da ilha pareceram animadores. Mas não era paz verdadeira, apenas treguas do atraiçoado mal, que a combatia. Acudiram e cresceram todos os peiores symptomas do último periodo d'essa cruel molestia; e ao começar da primavera estavam dissipadas as derradeiras esperanças de melhora.

Vir morrer na sua casa, dar o último suspiro no meio dos seus, abençoar na despedida a numerosa progenie com que Deus a abençoára, tal foi o último desejo da duqueza.

Urgia o tempo e o mal, redobravam as difficuldades do transporte. Ja o imbarcar e desimbarcar n'aquelle estado era uma operação violenta e arriscadissima. Tentou-se comtudo, e quasi moribunda a conduziram em maca ao escaler, e d'alli, com mil perigos e difficuldades, a subiram ao navio, que felizmente a pôde trazer com vida ainda a Lisboa.

Seu triste deismbarque, seu caminhar lento e quasi funeral para a actual residencia da familia, ao Rato, foi um espectaculo de compungir

ós mais indifferentes. Levavam a maca alguns marinheiros; o duque com sua filha mais moça (a que so podéra acompanhar e velar sua mãe n'aquella derradeira jornada) a seguiam a pé. Logo os outros filhos e parentes mais proximos, e alguns amigos intimos. O cortejo todavia era numerosissimo, porque ingrossava a cada instante com todos os pobres da capital, que accorriam a ver, a lastimar, a abençoar pela última vez a sua mãe. A sua mãe — assim lhe chamavam, assim bradavam por ella. «É a mãe dos pobres. A nossa mãe que vamos perder! Bemdita ella seja! Em boa hora a leve Deus e se compadeça de nós!»

Eram as vozes que se ouviam ao passar a melancholica procissão. E este foi o seu maior, o seu verdadeiro elogio, fúnebre ainda em vida, em vida ainda desapaixonado e imparcial como um julgamento da posteridade. *Bossuet*, *Massillon* ou *Lacordaire* que subissem ao pulpito, e deante de seu feretro derramassem as mais suaves flôres de consolação que podem cahir do ceo sobre um atahude — ou descarnassem as mais tremendas verdades que pulverisam em cinza, rojam pelo pó da terra todas as miseraveis grandezas do mundo, suas vans pompas e oucas fortunas — nada poderiam dizer que fallasse tam alto e tam claro, que tanto dissessem ao espirito, ao coração, á propria imaginação como diziam aquellas andas em que a duqueza de Palmella caminhava moribunda para seu palacio, aquelles parentes que a seguiam a pé, e aquelles pobres que a abençoavam e choravam.

Trez dias durou ainda; no último, recebidos os sacramentos, pôde ainda achar força em seu grande ânimo para se despedir do marido e dos filhos, para dar a estes os seus ultimos conselhos e os abençoar.

Teve a morte do justo, serena e resignada. No dia que mais sanctifica a egreja, em uma quinta-feira sancta ás seis horas da tarde — que n'este anno de 1848 se contavam 20 d'Abril, deu o último suspiro. E porque não sería mercê divina, signal evidente da graça que ia receber, o ser chamada a contas em tal dia quem tam boas tinha que dar de si?

Esperêmo-lo; e que seja esta esperança a melhor consolação de todos os que a choram.

Que n'ella se abrandem as dôres dos seus até que insensivelmente se convertam n'aquella saudade, que Deus manda depois aos corações que bem amaram, não para que deixem de soffrer — seria impossivel — mas para que se tempére o padecimento, e se possa tolerar a vida.

A impressão que a sua morte causou em Lisboa foi geral e manifesta em todas as classes, e póde sem lisonja dizer-se que não houve excepção no conceito que ella deixou na memoria de todos, nem adulação na maneira com que esse conceito se expressou.

A qualidade que na opinião geral mais a distinguia era a sua excessiva charidade, charidade realmente sem limites, e que alêm de ser n'ella uma virtude christan, era tambem o effeito como que espontaneo e natural da generosidade do seu ânimo e da grandeza das suas idéas. Esta virtude portanto era exercida por ella sem custo, e talvez não fôsse a mais admiravel das que a adornavam.

Se se quizer bem appreciar entre tantas qual fôsse a sua mais relevante virtude custará a chegar a uma decisão, porque no exercicio dos deveres de filha, de espôsa e de mãe foi ella egualmente extremosa, e por certo nem uma so mancha deixou no seu manto de pureza. O que deve admirar mais é que ella começou a practicar successivamente estes diversos deveres sem a menor quebra nem interrupção desde a edade quasi infantil de doze annos em que principiou a ser espôsa, e de quatorze em que pela primeira vez foi mãe.

A práctica rigorosa das virtudes, não so usuaes, mas ainda das mais custosas d'estes estados tinha sido effeito n'ella de uma especie de intuição natural e da disposição ao mesmo tempo affectuosa e rígida do seu coração, ajudada pelos sentimentos religiosos, que a primeira educação de sua mãe lhe incutiu, que o bom exemplo e bons conselhos de suas cunhadas fortificavam, e que o seu progresso sempre seguido na estrada da devoção foi augmentando successivamente até á epocha da sua morte, fazendo-a chegar a um ponto de perfeição, que raras vezes terá sido attingido por pessoas collocadas na classe elevada da sociedade em que viveu, e em que sempre occupou o logar mais distincto.

Como filha póde dizer-se que idolatrava a sua mãe, e que sacrificou sua saude e incurtou seus dias pelas afflicções e trabalhos que experimentou no último anno de vida d'ella. Como espôsa foi exemplar até ao mais alto grau de perfeição, objecto de respeito e admiração não so em Portugal, como nos paizes estrangeiros. Como mãe consagrou-se sem limites e sem reserva aos cuidados que exigia a educação de quinze filhos, que teve com distancia de trinta annos desde o nascimento do primeiro até ao último. Foi exemplar e superior a todo o elogio no cumprimento d'estes deveres, e gosou a consolação de ver coroados estes esforços e correspondidos os seus disvelos pelo affectuoso caracter e procedimento de todos os seus filhos sem excepção, podendo asseverar-se com verdade, que de nenhum d'elles teve motivo de queixa, nem a soffrer outro desgôsto mais do que a terrivel dor que partiu o seu coração quando sôbre elle se descarregaram successivamente os golpes da morte de sete filhos, quatro dos quaes ja eram adultos, e uma na edade em que começa a sahir-se da infancia.

De todas as tribulações que soffreu n'esta vida, a primeira, a mais dolorosa e a maior foi sem dúvida a morte de seu filho primogenito com que Deus quiz que ella comprasse a glória de que está gosando, e deixou o seu coração cuberto de um lucto de que nunca se desassombrou. Os seus desvelos, os seus trabalhos, a sua incançavel assistencia e anciedades fatalmente terminadas na morte de cada um de seus filhos não podia deixar de destruir por fim a robusta saude de que ella havia sido dotada pela natureza.

Accrescentem-se a éstas grandes e terriveis afflicções moraes os trabalhos de uma vida agitada por frequentes viagens, por alternativas de fortuna mais do que é dado ao commum das pessoas da sociedade experimentar ordinariamente n'este mundo. Alêm d'isto os cuidados que tantas vezes teve de soffrer pela sorte de seu marido, com o qual tam terna e inteiramente se identificava, que a não distinguia da sua propria senão para a sentir com uma vehemencia ainda maior. Todas éstas excitações, que poderão avaliar-se reflectindo sôbre a serie dos acontecimentos que se acham succintamente expostos n'esta memoria, influiram tanto mais na sua saude quanto recahiam n'uma constituição por extremo sensitiva e calorosa de sua natureza, não obstante os esforços com que a reflexão e a religião

contribuíam para a reprimir, e para sujeita-la com resignação, senão com paciencia, ás injustiças d'este mundo. Os que conheceram a duqueza podem attestar que o seu character representava o mais singular contraste de vivacidade e de doçura, de modo tal que tomava até as desgraças de todos como se fossem suas proprias, as contrariedades mais communs da vida como desgraças pungentes, ao mesmo tempo que se sujeitava aos golpes mais terriveis, e abraçava as resoluções mais árduas com heroica disposição e com a constancia e impavidez de uma san consciencia. Outro contraste podia distinguir-se tambem n'ella, e era o da elevação das suas maneiras ao par das mais altas situações, a ponto de haver sido notada e admirada nas côrtes estrangeiras, quando por outro lado a sua humildade era natural e extrêma, e o pouco conceito que fazia de si mesma não era nem affectado nem falso, de modo que ficava patente que o seu comportamento era inspirado pela convicção de que devia desimpenhar uma obrigação que lhe era incumbida.

Procurei fazer justiça aos sentimentos da duqueza de Palmella apresentando em poucos traços as suas eminentes qualidades; não seria porêm completo o retrato se deixasse de fazer menção do seu ingenho prompto, penetrante, guiado sempre por um senso recto, que lhe fazia intender claramente e appreciar com acêrto os objectos de que se occupava. Nem poderá esquecer jamais aos que tiveram a fortuna de viver na sua familiaridade a amabilidade do seu tracto sempre isento de affectação, e frequentemente ornado de um brilho gracioso e improviso. Dotada de uma disposição jovial e amena captava por isso facilmente os corações, e sarava as ligeiras offensas que a sua innocente vivacidade podia ás vezes occasionar pela extremosa bondade com que reconhecia qualquer pequeno excesso d'esta natureza, pela evidente e límpida pureza de suas intenções que não podia desconhecer-se. Ás tendencias mais delicadas do character de senhora eram n'ella, por assim dizer, innatas, e sempre equilibradas pelo exercicio das virtudes evangelicas e pela maior austeridade de principios. Nenhum vivente prestou jamais tam religioso culto á verdade. Não consta que na sua vida ella a transgredisse uma unica vez, não so pela falsidade nem pela mais leve dissimulação. Os seus actos eram sempre practicados á luz do dia, e não careciam de véo. O seu coração era transparente, e de certo não levou n'elle pensamento ou segredo algum occulto de que

tenha a dar conta perante Deus, que avalía os pensamentos e as acções humanas.

No dia 22 do mesmo mez de Abril, pelas duas horas da tarde, se fez o serviço fúnebre da duqueza de Palmella na freguezia da Encarnação. Os seus restos mortaes, que por feminil pudor e por humildade christan ordenou que não fossem imbalsamados, estão depositados no jazigo da familia no cemiterio dos Prazeres.

Que descance em paz, e que a luz eterna sôbre ella resplandeça!

NOTAS.

(1) Do mesmo consorcio tinham nascido: D. Francisca Telles, que casou com o marquez de Castello-Melhor D. Affonso; D. Thomás Telles, marquez de Niza, herdeiro presumptivo da casa de sua mãe, e que casou com D. Thomasia de Mello, sendo pae do actual marquez de Niza; D. Maria Telles, casada com o conde de Sabugal, D. Manuel Mascarenhas; e D. Anna Telles. Os dous primeiros eram mais velhos do que a duqueza, e os dous segundos mais moços.

(2) D. Pedro de Sousa e Holstein, filho de D. Alexandre de Sousa e Holstein e de D. Isabel Juliana de Sousa Coutinho, nasceu em Turim a 8 de Maio de 1781— 1.º conde de Palmella em 11 d'Abril de 1812, 1.º marquez em 3 de Julho de 1825, e 1.º duque do mesmo titulo em 13 de Julho de 1833, conde de Sanfré no Piemonte, 13.º senhor do morgado do Calhariz, Monfalim, e Fonte do Anjo.

(3) D. Alexandre de Sousa e Holstein, conde de Calhariz, nasceu em Cadix a 21 de Março de 1812.

(4) D. Eugenia de Sousa e Holstein, marqueza das Minas, nasceu a 6 de Março de 1813.

(5) D. Isabel de Sousa e Holstein nasceu a 12 de Novembro de 1816 e falleceu a 15 de Junho de 1817.

(6) D. Domingos de Sousa e Holstein, marquez do Fayal, nasceu a 28 de Junho de 1818 — D. Manoel de Sousa e Holstein nasceu a 11 de Outubro de 1819 e falleceu a 2 de Fevereiro de 1837.

(7) D. Marianna de Sousa e Holstein nasceu a 25 de Março de 1821 e falleceu a 20 de Março de 1844.

(8) D. Maria de Sousa e Holstein nasceu a 27 de Setembro de 1822 e falleceu a 29 de Agosto de 1834.

(9) O duque de Palmella não cooperou directa ou indirectamente para os acontecimentos que em Maio de 1823 destruiram a fórma de govêrno constitucional, e deve-se-lhe a elle e ao conde de Subserra ter prevalecido um systema de moderação e de brandura em logar do reaccionario e violento pelo qual propugnavam alguns dos outros ministros, apoiados por uma alta personagem. Se a promessa da outhorga da carta não foi cumprida, não foi á mingua de esforços, que muitos fez o duque para o seu leal cumprimento dentro e fóra do reino. Não é este o logar, nem o tempo ainda é appropriado para deslindar a historia d'esse periodo. O duque de Palmella, achando-se embaixador junto da regencia de Cadix, tinha ja manifestado n'uma respeitosa representação dirigida para o Rio de Janeiro ao principe regente as suas idéas a favor do estabelecimento do regimen constitucional entre nós. Em 1823, quando em Borba foi convidado para assistir á acclamação do govêrno absoluto do senhor D. João 6.º, assignou o auto com uma referencia bem explicita á promessa da carta. Em Junho d'esse anno, sendo ministro dos negocios estrangeiros, escrevia a Mr. de Chateaubriand, ministro de Luiz 18.º, o seguinte: «*A carta que S. M. se propõe outhorgar como um justo galardão da fidelidade e das virtudes patrioticas dos seus subditos, bastará sem dúvida para satisfazer a opinião da parte sensata da nação, para curar gradualmente as feridas que a revolução deixou, e para manter uma tranquillidade duradoura.*» Ignorâmos qual foi a resposta de Mr. de Chateaubriand, mas será facil adevinha-la vendo-se o que este dizia em 12 de Julho a Mr. de La Ferronnais, embaixador francez em S. Petersburgo: «*Le comte de Palmella m'a ecrit, il veut faire donner une constitution au Portugal.... Je ne vois pas du tout dans l'état d'effervescence ou se trouve encore le Portugal, pourquoi la commission de Lisbonne se presserait de publier un code politique fait au milieu du choc des passions et des interets.*» Infelizmente prevaleceram as intrigas arteiramente empregadas para se não publicar a carta; e nem o diploma regio de 4 de Junho de 1824, que annunciava a convocação das antigas côrtes, e a esperança de ser fixada regularmente para o futuro essa convocação, veio a ser executado, porque o duque e o conde de Subserra deixaram de ser ministros d'el-rei.

(10) «Mr. Hyde de Neuville sollicitou então a soltura do marquez de Palmella, «que sendo-lhe promettida pelo infante, tirou fóra de si a rainha, que rom-«pendo n'esta occasião o silencio até alli guardado por ella, n'uma sala pro-«xima d'onde espreitava tudo, exclamou: *se o soltam está tudo perdido;* e di-«zendo isto partiu logo para Queluz.» — *Soriano*, Hist. do Cêrco do Porto, vol. 1, pag. 168.

(11) D. Theresa de Sousa e Holstein, condessa das Alcaçovas, nasceu a 14 de Dezembro de 1823 — D. Rodrigo de Sousa e Holstein nasceu a 13 de Dezembro de 1824 e falleceu a 25 de Abril de 1840.

(12) D. Catherina de Sousa e Holstein, condessa das Galvêas, nasceu a 22 d'Agosto de 1826 — D. Anna de Sousa e Holstein nasceu a 5 de Junho de 1828.

(13) Sería grave omissão não declarar que a sr.ª D. Leonor da Camara (hoje marqueza de Ponta Delgada) foi a pessoa a quem coube a honra de superintender regularmente a educação de S. M. de quem fôra nomeada dama; e que esta senhora, que residia em Lisboa com a sua familia, assim que lhe constou por via do marquez de Palmella a importantissima missão que lhe era destinada, não hesitou em sacrificar o seu descanço e correr o risco de uma evasão da capital para obedecer ás inspirações do seu coração e da sua lealdade.

(14) A condessa d'Alva falleceu em París a 28 de Abril de 1829.

(15) D. Pedro de Sousa e Holstein nasceu a 8 de Janeiro de 1830 e falleceu a 6 de Março do mesmo anno.

(16) Tendo oito para nove annos de edade começou o estudo do latim na aula das Necessidades sob a direcção do professor padre Fernando Garcia. Este curso foi interrompido pelo desterro do marquez de Palmella em Borba no anno de 1821. Alli cuidou o marquez pessoalmente da educação de seus filhos, e teve a satisfacção de vêr D. Alexandre fazer rapidos progressos no latim, em historia, em geographia, nos principios elementares das mathematicas, bem como no francez e no inglez. Desde 1823 até 1825 frequentou novamente a aula das Necessidades. Em 1825 acompanhou seu pae a Inglaterra, e como se destinasse á carreira das armas, foi admittido no collegio militar de Sandhurst. Destinava-se a frequentar a universidade de Coimbra em 1828, tendo assentado praça n'um corpo de artilheria de Portugal; mas os successos politicos o obrigaram a imbarcar no Porto a bordo do vapôr *Belfast* por occasião da entrada das forças de D. Miguel n'essa cidade. O nome do joven conde (que contava então dezeseis annos) foi comprehendido na famosa sentença da alçada miguelista; e condemnado a degredo perpétuo para a India, visto (dizia a sentença) haver provas sufficientes de que, pelo desinvolvimento da sua intelligencia, estava ao facto da gravidade do crime que commettia. Desde então até ao fim de 1830 seguiu os cursos da universidade de Londres; e limitâmo-nos a copiar um extracto dos honrosissimos certificados que obteve dos professores d'esse instituto, porque dão idéa cabal do seu merito.

Certificados da universidade de Londres.

— No exame dos estudantes de philosophia natural do curso de 1828 a 1829, que teve logar a 9 de Julho de 1829, o conde de Calhariz foi collocado na primeira classe, e teve o primeiro premio d'esta faculdade. = (Assignados) *H. Brougham*, *Lansdowne*, membros do conselho = *D. Lardner*, lente da faculdade = *L. Horner*, cancellario.

— No exame dos estudantes de philosophia natural (divisão superior) do curso de 1829—1830, que teve logar a 14 de Julho de 1830, o conde de Calhariz foi collocado na primeira classe. = (Assignados) *H. Hallam*, *J. L. Goldsmid*, membros do conselho = *D. Lardner*, lente etc. = *L. Horner*, cancellario.

— No exame dos estudantes de mathematicas elevadas (divisão superior) do curso de 1829—1830, que teve logar a 14 de Julho de 1830, o conde de Calhariz foi collocado na primeira classe. = (Assignados) *H. Hallam*, *Sandon*, membros do conselho = *A. de Morgan*, lente etc. = *L. Horner*, cancellario.

— Certifica-se que o conde de Calhariz frequentou assiduamente o curso de chymica em 1828—1829, servindo este documento para manifestar a nossa approvação pelo modo por que elle figurou nos exames publicos da universidade. Teve a medalha de ouro da universidade como o mais distincto estudante d'esta classe. = (Assignados) *H. Brougham*, *Auckland*, membros do conselho = *E. Turner*, lente etc. = *L. Horner*, cancellario.

— No exame dos estudantes de grego do curso de 1829—1830, que teve logar a 14 de Julho de 1830, o conde de Calhariz foi collocado na primeira classe, e teve o primeiro premio. = (Assignados) *H. Hallam*, *Sandon*, membros do conselho = *G. Long*, professor = *L. Horner*, cancellario.

Em París frequentou como alumno externo varios cursos da Sorbonna e do Jardim das Plantas no anno de 1831.

Estava justo a casar com sua prima D. Isabel de Sousa Botelho, filha dos condes de Villa-Real; e póde dizer-se que so ésta e mui innocente paixão experimentou durante a sua curta vida; pois que, bem differente da maior parte ou talvez de todos os mancebos da sua edade, conservou-se sempre immaculado, não obstante a sua livre e inteira communicação com a sociedade, e a viveza e alegria natural do seu genio, despido egualmente de hypocrisia e de aspereza.

No hynverno do anno acima indicado partiu para a ilha de S. Miguel por causa da affecção pulmonar de que havia sido atacado; e aggravando-se essa infermidade, falleceu em Ponta Delgada aos 21 de Junho de 1832.

O *Jornal dos Debates*, de París, publicou logo depois d'esta funesta perda o seguinte artigo necrologico:

«D. Alexandre de Sousa Holstein, conde de Calhariz, primogenito do marquez de Palmella, acaba de fallecer na ilha de S. Miguel depois de uma prolongada e dolorosa molestia. O joven conde, que apenas contava 20 annos, fazia toda a ventura da sua familia, e era ja um ornamento da sua patria, tanto pela cultura de seu espirito, como pela elevação do seu character e bondade do seu coração.

«Em 1828, tendo apenas 16 annos, partiu para o Porto a fim de reunir-se aos defensores da rainha D. Maria II e das liberdades portuguezas, affrontando os perigos com a alegria propria da sua edade, e com os sentimentos do homem feito.

«Regressando a Londres viu-se destituido da opulencia em que fôra educado. As privações que soffreu so pareciam toca-lo por causa da sua familia. Foi um dos primeiros alumnos da universidade de Londres, distinguindo-se entre os estudantes mais espirituosos e applicados, e grangeando os primeiros premios. Tendo concluido os seus estudos na universidade de Londres veio estabelecer-se em París onde cultivou as sciencias exactas e as naturaes com ardor tal, que contribuiu muito para o prompto desinvolvimento da sua infermidade.

«O empenho de ser util á sua patria suggeriu-lhe a idéa de reger um curso de physica e chymica, admittindo n'elle alguns seus amigos e compatriotas então residentes em París, para que mais tarde se generalisassem em Portugal estes estudos. O joven professor houve-se de um modo muito distincto, exprimindo-se com muita clareza e ao mesmo tempo com uma bem rara modestia.

«A molestia fazia porêm rápidos progressos. O conde de Calhariz sahiu de París, e partiu com sua mãe para a ilha de S. Miguel onde succumbiu apesar dos esforços de habeis facultativos e dos cuidados de seu pae e de sua mãe, de quem era idolatrado. No meio dos seus padecimentos nunca se mostrava occupado de si, mas so de sua familia e do porvir da sua patria.

«Quando lhe annunciaram que devia receber os sacramentos respondeu

candidamente: «já tinha pensado em cumprir esse dever, mas julguei que poderia esperar que partisse a expedição para não perturbar meu pae nas suas occupações.» Esta linguagem é na verdade tocante, e bastava para fazer o elogio do joven conde de Calhariz, cuja perda foi uma desgraça cruel para a sua familia, e objecto de eterna saudade para todos os seus amigos.»

(17) Auxiliado pelos esforços patrioticos do seu amigo Luiz Antonio de Abreu e Lima (hoje visconde da Carreira), de Rodrigo da Fonseca Magalhães, e pelos meios pecuniarios grangeados por Henrique José da Silva (hoje barão de Lagos), e pelo barão de Quintella (hoje conde do Farrobo).

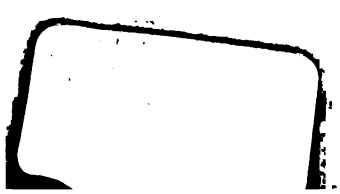
(18) No reinado antecedente havia sido nomeada dama de Santa Isabel, e tinha a ordem hespanhola de Maria Luiza.

(19) D. Francisco de Sousa e Holstein nasceu a 20 de Abril de 1838.

(20) D. Thomás de Sousa e Holstein nasceu a 31 de Dezembro de 1839.

(21) D. Maria de Sousa e Holstein nasceu a 4 de Agosto de 1841.

(22) D. Filippe de Sousa e Holstein nasceu a 26 de Dezembro de 1841.

78791810

O Mundo do Livro
23.1.79
£5.38